

Educação Medieval e a importância da prática docente de Pedro Abelardo

Rosineide A. Taveira Ciucci da Silva – FACITEP

Pós-graduanda em Práticas Educativas

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar como aconteceu a formação das universidades europeias na Idade Média, bem como a sua importância no mundo acadêmico até os dias atuais. Também discute a figura de Pedro Abelardo e sua prática como docente na Escola de Paris no século XII.

Palavras chaves: Didática, Docente, Idade Média, Universidade.

Abstract

The present work aims to show how the formation of European universities in the Middle Ages, as well as their importance in the academic world to the present day. He also discusses the figure of Peter Abelard and his practice as a teacher at the School of Paris in the twelfth century.

Key words: Didactics, Teacher, Middle Ages, University

A formação das Universidades na Idade Média

As Universidades da Idade Média foram fundadas por volta de 1150, dentro do contexto do Renascimento do Século XII, elas são, portanto, o modelo de universidade que temos até os nossos dias. Essas egrégias instituições tornaram-se locais de pesquisa e produção do saber. Anteriormente, no século IX, Carlos Magno conseguiu abraçar grande parte da Europa sob seus domínios. Com o intuito de fortalecer e unificar o seu império, ele elaborou uma reforma educacional. Magno, convidou o monge inglês Alcuíno¹ que organizou um projeto de desenvolvimento escolar, em Aix-la-Chapelle, que revivificou o saber clássico estabelecendo os programas de estudo a partir das sete artes antigas, ou, as sete artes liberais: o *trivium*, ou ensino literário (gramática, retórica e dialética) e o *quadrivium*, ou ensino científico (aritmética, geometria, astronomia e

¹ (em latim: *Alcuinus*) foi um monge da Nortúmbria atual (Grã-Bretanha) em 735 e estudou na escola da Catedral de Iorque. Lecionou posteriormente nessa mesma instituição durante quinze anos e ali criou uma das melhores bibliotecas da Europa, tendo transformado a Escola em um dos maiores centros do saber.

música). A partir do ano 787, surgiram os decretos que as recomendavam, junto às cortes. Essas medidas teriam seus efeitos mais contundentes séculos mais tarde. Com o ensino da dialética (ou lógica) foi renascendo o interesse pela indagação especulativa; dessa primícia surgiria a filosofia cristã da Escolástica.

Nos séculos XI e XII, algumas das escolas, cujo conceito havia sido construído a partir das ordens de Carlos Magno, se destacaram por seu alto nível de ensino, e ganharam a forma de Universidades. Isso ocorre especialmente entre as *escolas catedrais*. Também começaram a surgir instituições, fundadas por autoridades, que já surgiam estruturadas como sendo institutos de ensino superior. Entre os anos de 1200 e 1400 foram fundadas, na Europa, 52 universidades, e 29 delas foram erguidas pelo poder papal. Algumas dessas universidades recebiam da Igreja o título de *Studium Generale*, o qual indicava que este era um instituto de excelência internacional, sendo assim, eram considerados os locais de ensino de maior prestígio do continente. Os acadêmicos de um *Studium Generale* eram encorajados a ministrar cursos em outros institutos por toda a Europa, bem como a partilhar suas produções e demais documentos, instituindo a cultura de intercâmbio que existe ainda hoje nas universidades Europeias.

O pensamento da lógica de Abelardo

A ideia de que "a dúvida nos leva à pesquisa e através dessa conhecemos a verdade" foi difundida por Pedro Abelardo e permeia tanto seus pensamentos filosóficos como teológicos. O filósofo apropria-se dessa ideia inicial para formular o seu raciocínio crítico. A dúvida, segundo ele, é o que principia o caminho para a pesquisa, é uma indagação frequente e latente, a qual nos eleva ao aprofundamento das questões que nos instigam. É pela dúvida que o filósofo Abelardo introduz um caráter científico às suas investigações filosóficas.

Para Abelardo muito mais do que um discurso feito de forma habilidosa, a dialética é o meio que nos possibilita distinguir, de forma esclarecida, o verdadeiro do falso. Seguindo regras do *Logos*, ela vai conseguir determinar se o discurso científico é verdadeiro ou é falso. O filósofo apropria-se da dialética nos estudos e nas argumentações teológicas para desvelar quais são os argumentos legítimos e quais são os argumentos não

autênticos e através dela ressaltar as verdadeiras doutrinas cristãs. Não é a razão que vai assimilar a fé, mas a fé que vai fazer uso dessa razão. Assim, o discurso filosófico não tornará nulo o conjunto de sentenças colocadas pela teologia, ao contrário, vai servir de auxílio na sua compreensão, tornando-as mais fáceis de serem assimiladas. A filosofia vai mediar as verdades reveladas e o pensamento humano. Segundo essa filosofia apregoada pelo mestre Abelardo, não é possível crer nas coisas sem compreendê-las.

O método da lógica abelardina consistia em estudar a questão filosófica fazendo um estudo das partes que a constituem, enxergando os diversos pontos de vista contrários e incoerentes. Para o filósofo, é imprescindível a realização de uma investigação completa que vai determinar as diferenças entre as argumentações de uma determinada temática. A *Ratio* prevalecerá sobre a opinião de quem tem grande entendimento sobre determinado assunto. Abelardo não posicionava-se contrário à utilidade do pensamento de uma autoridade enquanto não houvesse meios ou conhecimentos suficientes para se colocar em prática a razão. No momento em que a razão encontra condições de por si própria encontrar a verdade, a autoridade passa a ser inútil.

Pedro Abelardo tinha em mente sempre fazer uma conciliação, um entendimento, um ou um diálogo entre os primeiros filósofos, em especial Platão, atrelando o pensamento deste às teorias teológicas do cristianismo. Ele acreditava que os primeiros filósofos, mesmo não sendo cristãos, buscavam também a verdade através da investigação lógica, assim, para ele, os primeiros filósofos e os filósofos cristãos estavam unidos pela razão.

A essência de Deus é algo impossível de ser definido, pois não pode ser expressa, porque para isso Deus teria que ser uma substância, e Deus está fora de todas as coisas que conhecemos e que possamos vir a conhecer. Para tentar explicar a trindade da pessoa divina Abelardo usa como metáfora a gramática que diferencia quem fala, para quem se fala e o que se fala. Na unidade divina as três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo) podem estar unidas e ser uma só, pois é possível falar de si a si mesmo. A primeira pessoa (Pai / Deus) é também o fundamento das outras duas, pois se não existir quem fala não existirá também o que se fala e a quem se fala.

Sobre as questões éticas Abelardo afirma que o pecado não é em si a ação física, mas o elemento psicológico dessa ação, ou seja, o pecado acontece ao planejar, ao ter a intenção de pecar e não a ação em si.

Pedro Abelardo: o professor

Pedro Abelardo observava com alegria e atenção a chegada de jovens oriundos de várias partes da Europa. Aquele burburinho da juventude o deixava bastante animado e também preocupado com o bem-estar daqueles jovens, os quais estavam longe de seus familiares. O professor Abelardo procurava acolhê-los com sua amizade e amor cristão.

Vale a pena lembrar que naquela época, o dom do conhecimento era considerado algo divino, algo que ultrapassava o campo terreno, por isso os filósofos (professores) faziam votos de castidade para que Deus mantivesse neles esse dom. E Abelardo, como um bom cristão que era, fez esses votos de castidade e obediência. Rapidamente tornou-se um notório professor ao conseguir trazer os filósofos antigos, para o pensamento cristão. Seu método pedagógico de aproximação e amizade com seus alunos, começou a incomodar certos clérigos e companheiros de magistério. Talvez também, caberia falar até numa certa inveja, pois as aulas do mestre Pedro Abelardo eram as mais cheias e disputadas da Escola de Paris. Assim até suscitavam rumores de que ele mantinha intimidades com os jovens, o que não era verdade.

O método de ensino de Abelardo era peculiar no sentido de como ele conduzia as suas investigações filosóficas. Ele começava suas aulas sempre fazendo uma pergunta, acerca de Deus. E o pensamento era construído a partir das respostas dos alunos, que eram atreladas à interferência dele enquanto professor. Superando, desta forma, o método arcaico do ensino centrado na figura do mestre. Pensando na sua metodologia pedagógica, o aluno também era um protagonista na construção do pensamento. Não havia a correção pela humilhação, ou sobreposição do professor enquanto o detentor do saber. Havia um princípio, digamos até teológico da partilha do pão, que era o conhecimento, porque todo conhecimento e verdade emanam de Deus e Ele é sabedoria e amor. O amor cristão é o que permeava o ofício de mestre de Pedro Abelardo.

Conclusão

Deve-se pensar que existe um “método abelardino”, o qual mostra uma dinâmica pedagógica, que estava relacionada à preocupação que Pedro Abelardo tinha em tornar as suas aulas mais dinâmicas e acolhedoras. Uma preocupação não somente” com o que ensinar”, mas sim, “como ensinar”.

O método pedagógico desenvolvido pelo professor e filósofo encontra-se em duas vias: pelas letras e pela unidade divina. Ambas estão relacionadas e não se separam, pois, o pensamento medieval tende a procurar tanto a unidade quanto a simplicidade divina pelo *Logos*. Para Abelardo, o questionamento constante e frequente é a chave primordial para a sabedoria e que através do duvidar, e pelo inquérito nós percebemos a verdade. Enquanto professor, amava as letras e a Filosofia, já enquanto teólogo e cristão amava o próximo, assim ele praticava o magistério não apenas como um sacerdócio, indo mais além, como um dom de Deus.

Referências Bibliográficas

ABELARDO, Pedro, 1079 – 1142. Lógica para principiantes. Tradução do original em latim Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

_____. A história das minhas calamidades. Traduções de Angelo Ricci, Ruy Afonso da Costa Nunes. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BOEHNER, Philoteus. História da filosofia cristã. Introdução e tradução Raimundo Vier. 5ª Ed. RJ: Vozes, 1991.

ÉTIENNE, Gilson. A filosofia na Idade Média. Tradução Eduardo Brandão. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SÃO VITOR, Hugo de. Didascalicon da Arte de Ler. Introdução e tradução Antonio Marchionni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.